

ELEIÇÃO E REFLEXÃO

Josaphat Marinho

A eleição presidencial na Rússia transformou-se num apelo à reflexão, seja qual for o resultado no segundo turno. Não se trata de exigir opção na divergência caracterizada, mas de analisar e interpretar o fato político. O equilíbrio na votação entre os dois candidatos preferidos, o presidente Yeltsin e o neocomunista Ziuganov, revelou a divisão política do povo. Não são apenas competidores, são candidatos de posições antagônicas. O presidente representa o novo regime, sem firme definição filosófica e programática, variando entre a democracia capitalista e o autoritarismo. Ziuganov reflete o pensamento comunista revisto e atenuado. Ambos originários do sistema da antiga União Soviética, com a fragmentação dela assumiram atitudes divergentes.

Extinta a União dos Repúblicas Socialistas Soviéticas e diferentemente recomposto o Estado, adotada nova Constituição, houve muito quem presumisse sepultada uma cultura filosófica e política, a que outra se superpõe, esmagadoraamente. O pensamento da Revolução de 1917 estaria morto. Seria uma lembrança histórica. Um novo quadro político e cultural, hermético, teria sido criado, como se uma ruptura sísmica separasse o passado do presente. Uma outra "cortina" isolaria as duas vidas da mesma nação. Um só povo viveria duas épocas próximas, uma ignorando a outra, embora as atravessem gerações contemporâneas de ambas.

A eleição ainda em desdobramento provou o equívoco dessa presunção e reafirmou a observação confirmada pela experiência de tantos povos. As mudanças mais profundas na existência dos povos substituem instituições e práticas, programas e objetivos, classes ou grupos dominantes, normas e seus fundamentos jurídicos, políticos, filosóficos. Não há transformações, porém, que ergam barreiras intransponíveis à circulação das idéias e à sobrevivência de seus partidários. As ditaduras férreas perseguem, prendem, torturam, matam. Não obstante o exercício da tirania, as idéias resistem e subsistem, estendendo-se no tempo e no espaço. Trasladam-se de um a outro momento histórico, modificam-se e inspiram novos agentes e pensadores. Quando as alterações são bruscas, como as que ocorreram na Rússia, tão mais natural é o prolongamento de convicções e anseios, que se formaram ao longo de anos seguidos. Não se dá, decerto, retorno ao passado, que não se restaura, mas retomada ou renovação de valores, ajustados às exigências de outras perspectivas humanas. Os resultados eleitorais comentados demonstram, exatamente, esse fenômeno de sobrevivência do pensamento coletivo, historicamente construído. Inteligências que se cultivaram à luz de uma doutrina de igualdade sobre nadam na tempestade, resguardando a coerência.

O fenômeno é uma constante universal. Os que se formaram ao

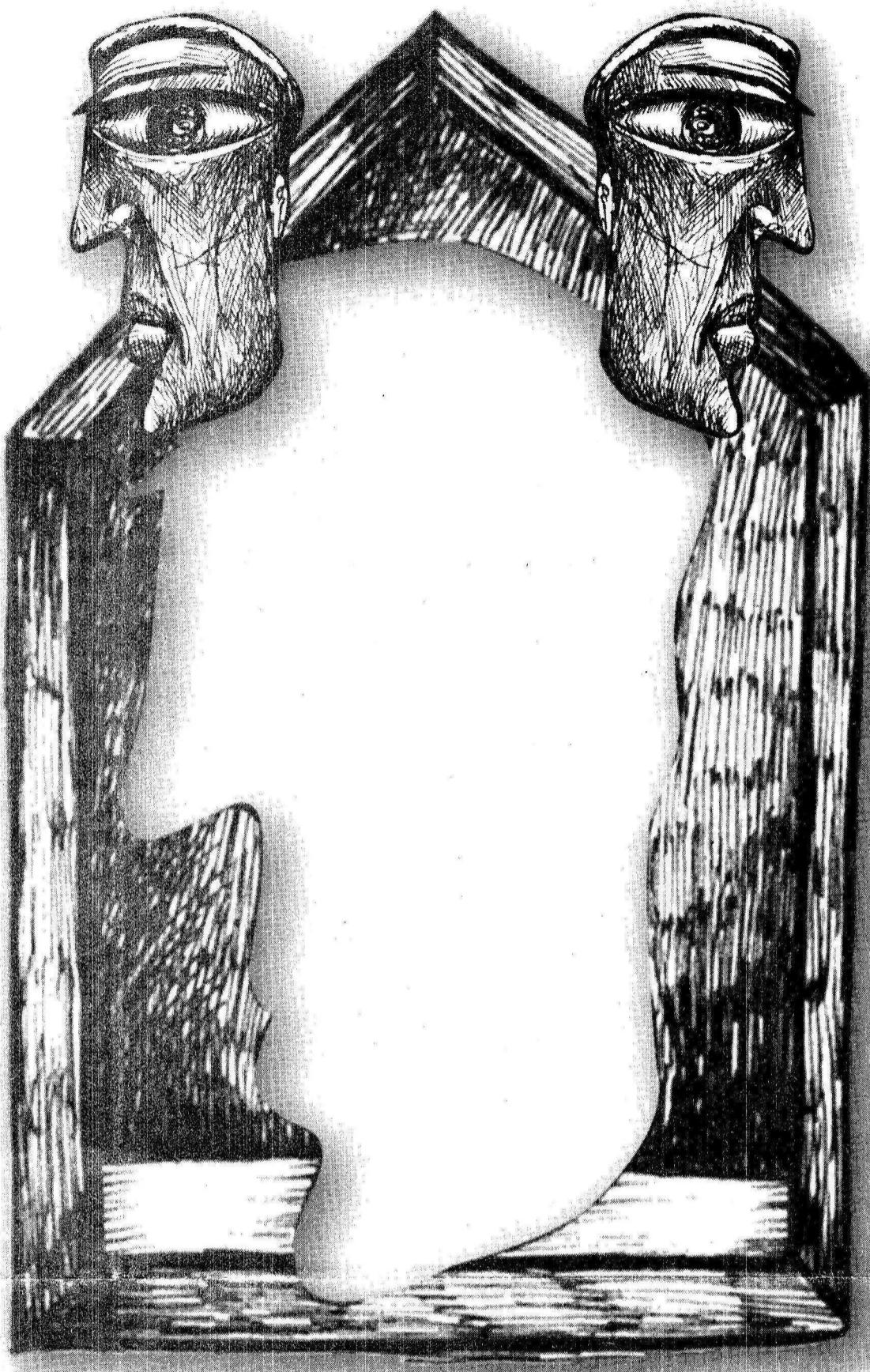


Ilustração: Fred Lobo

influxo das idéias da Revolução Francesa resistiram ao processo de socialização, que sobreveio ao individualismo. As gerações nascidas e ilustradas no período de predominância da socialização opõem-se naturalmente ao neoliberalismo, por sinal já declinante. Instituições, princípios e costumes que fizeram a grandeza dos Estados Unidos e da Inglaterra não se esvaíram depois de suas grandes guerras, ainda que experimentassem a flexibilização reclamada pelas mudanças gerais. No caso da Rússia, se o regime que caiu não foi ideal na execução de seus princípios, propagou por décadas sua filosofia e seus planos de ação, a que não foram opostos sucedâneos convicentes. Agora mesmo, o que a nova ordem oferece não é um exemplo de correção e espírito público, antes de transação e inter-

esse pessoal. Na ânsia de ganhar a eleição, de qualquer modo, o presidente candidato negocia com o terceiro pretendente, Lebed, a participação imediata no poder, embora com o sacrifício de antigo auxiliar de confiança. O interesse eleitoral altera o governo no curso de um para o outro turno da votação. Nem ao menos se aguardou o resultado final do pleito. O fato não concorre, evidentemente, para mudar conceções de governo, demoradamente adquiridas. Ao contrário, o procedimento oportunista, prejudicial à seriedade das instituições e de seus dirigentes, talvez aumente a repulsa das consciências rebeldes ao paternalismo; com certeza não se modificará. A correção não se harmoniza com o oportunismo.

Além dos efeitos desses acontecimentos sobre a sociedade russa, há

que analisar os seus reflexos em outros povos. Não há como ignorar que o refluxo de tendências apurado no novo Estado russo pode ocorrer, com singularidades, em diferentes povos, em que os governos se presumam detentores da verdade e da noção de progresso. Ademais, a negociação entre os dois candidatos, agora ambos no poder, para o esforço incontido de vitória eleitoral, é sinal inquietante para situações semelhantes. Onde quer que o povo não esteja suficientemente preparado para resistir a tais práticas, ser alguém candidato, detendo o poder, significa ameaça patente à liberdade de escolha e de voto. Releitam no exemplo condenável os que pretendem ser livres.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia